

3. A Casa das Taipas e a génese das Germânicas

José Luís de Araújo Lima

O Departamento de Estudos Anglo-Americanos (D.E.A.A.) tem a sua origem na Secção de Filologia Germânica, que iniciou a sua atividade na Universidade do Porto no ano letivo de 1972/73, no edifício onde estava sediada a Faculdade de Letras, no Largo atualmente chamado de Abel Salazar, ali ao pé do Hospital de Santo António. Trata-se de uma zona com edifícios importantes de talha “britânica” de uma cidade com afinidades conhecidas com o Reino Unido.

Nessa altura o chamado curso de *Germânicas* correspondia, muito *grosso modo*, àquilo que é hoje o Inglês-Alemão, e a ele tinha acesso quem tivesse sido aprovado no “exame de aptidão”, com provas escritas e orais daquelas Línguas, ditas “nucleares”, e nota final obtida com a média das duas.

Nesse ano inicial de 72/73 eu era Assistente Estagiário da Faculdade de Letras de Lisboa, mas tinha ficado claro que viria para o Porto na primeira oportunidade. A insistência para que viesse aconteceu depressa, e ainda cheguei a tempo de assistir a exames da Mrs. Gwen Andrade, Diretora do Instituto Britânico, e do Derek Naylor, ali professor, os dois contratados para a área de Inglês das Germânicas. Para a área de Alemão tinham entrado a Prof.^a Maria Manuela Campos e o António Franco, que viria a ser um dos nossos alicerces. Sei que este tinha mais de 500 alunos em Alemão I e que, na apresentação, o Anfiteatro Nobre estava apinhado de gente em pé. Como é possível dar aulas de Língua em turmas de mais de 100 alunos? Se havia problemas por cá, como constava, deviam ser decorrentes da relação inadequada entre o número de docentes – só quatro nas áreas “nucleares” – e o número de alunos (mais de quinhentos). A entrada das Germânicas no Porto parecia ter-se feito sem planificação eficaz.

Para a abertura do ano letivo de 73/74 estava a ser preparada casa nova. O edifício que, na FLUP, foi atribuído às Germânicas, e só às Germânicas, ficava na Rua das Taipas, a fazer curva para a esquerda e para baixo – um bom edifício (mais tarde viria a ser ocupado pela Faculdade de Psicologia), antigo, robusto e com carácter, mas com algumas falhas de adequação aos objetivos para que iria servir – as salas eram de menos; a biblioteca pequena, logo à esquerda da entrada, e era impossível ter silêncio; e não havia zona de convívio específica ou qualquer cantinho onde se pudesse tomar um café, pastel de nata ou... uma bola de Berlim.

Estávamos no início do ano letivo de 73/74. A entrada de alunos, outra vez uma avalanche: no princípio do 2º ano já estava ultrapassado o milhar. Não nos sentíamos muito tranquilos quanto à segurança de tanta gente. Estou a ver-me aos saltos com o Dr. Armando Morais e o António Franco no centro das salas, testando a sua resistência ao peso dos alunos. Não havia placas de betão, era tudo vigamento de madeira, e o soalho de tábuas corridas chiava e trepidava aos três saltões.

À duplicação do número de alunos correspondeu, se bem que em número insuficiente, a entrada de alguns docentes novos e também novos em idade, se excluirmos o Dr. Armando Morais, que se tornava uma figura tutelar. Acabavam de chegar a Belinda Maia, a Patrícia Kilcoyne, o Udo Közle... Na sala dos professores a porta não sossegava. Faziam-se as apresentações e indagações recíprocas. E era só abrir a outra porta da sala, para a Secretaria, onde se trocavam informações e esclarecimentos com a D.^a Adélia. Era tudo novidade, estávamos cheios de energia. E começava-se a construir um ambiente.

As salas de aula enchiam-se de alunos, que eram sobretudo alunas, espevitadas por estarem agora na Universidade e uma ou outra algo destemperada pelos ares do 25 de abril: “Setor, diga por favor às minhas colegas que não têm nada que se meter, isso é só entre nós os dois!” No comentário aos textos a linguagem soltava-se: “Bom, a mim parece-me que o ritmo narrativo sugere masturbação da Maria dos Prazeres”... Na Universidade portuguesa já se tinham sentido as “libertações” de maio 68; o meu interesse pela Literatura do século XX habituara-me a ousadias temáticas e crueza de linguagem; mas ainda pertenci a uma geração de alunos que media o que dizia e perante a qual os docentes usavam de alguma contenção. O meu excelente professor de Literatura Francesa I (que fiz como opção) anunciou, no início do ano letivo, que afinal não ia dar um dos textos do programa “por causa das meninas”...

Mas por parte dos docentes o 25 de abril também trouxe novidades de comportamento. Um leitor de Inglês insistia comigo: “Mr. Lima, Mr. Lima, I'd like to have more boys in my classes!”. Para quem entendia que as raparigas nunca eram demais, o pedido pareceu esquisitíssimo... Só mais tarde a coerência de “perspetiva” daquele colega me fez juntar as pontas...e perceber.

Com o 25 de abril veio uma sensação de leveza, de abertura. As pessoas tinham ideias e queriam realizá-las. Mas esperava-nos um trabalhão imenso. As comissões formavam-se umas após outras e eram, várias delas, em duplicado. Havia, por exemplo, a Comissão Central de Biblioteca, da FLUP, e a Comissão Departamental de Biblioteca, a nossa. Havia um representante nosso na primeira e outro na segunda, quando não estava a mesma pessoa nas duas. As reuniões do “Departamento” (chamávamos Departamento às *Germânicas*, embora, nessa altura, em rigor ainda o não fosse) eram frequentes e, além dos assuntos internos, havia que informar do que se passava no Conselho Diretivo da FLUP e decidir quais as matérias e propostas a apresentar. Mas o Conselho Diretivo era mais extenuante: podia haver mais do que uma reunião por semana, muito longas, às vezes tensas e a provocar nervosismo e cansaço demasiado em pessoas que acabavam por desejar desistir dos cargos. O Dr. Morais queixava-se que já andava “a falar sozinho pelas ruas”... Vários tipos de liderança provocavam choques de autoridade. Até na Biblioteca, uma área em princípio pacífica, houve tensões quanto à classificação e colocação dos “nossos” livros, e várias picardias para decidir se as estantes deviam ser abertas ou fechadas, com ou sem rede, qual o tamanho dos quadradinhos da rede...

No Conselho Diretivo estive muito tempo, e por isso fui experimentando períodos diferentes do pós-25 de abril. Era Presidente o Prof. Óscar Lopes, uma figura cheia de prestígio da cultura portuguesa e um grande professor. A sua linha partidária era conhecida e poderosa, mas nem ele próprio conseguia

ultrapassar algumas obstruções que ocorriam no Conselho, ou evitar algum acesso de extremismo desfocado. “A Faculdade tem que tomar partido contra a manifestação fascista no Estádio das Antas!”. Tratava-se da manifestação liderada por Mário Soares e pelo PS e apoiada pelo PPD de Sá Carneiro... A política, quer se quisesse quer não, andava na cabeça das pessoas. No início de 74/75 tinha entrado o Carlos Azevedo, um dos nossos baluartes do futuro. Ao vê-lo pela primeira vez na sala dos professores, a Patrícia segredou-me: “O que está aqui a fazer o Magalhães Mota?” Esses eram os momentos de humor do 25 de abril; mas também houve gritos de extremismo na nossa sala, só de quem olhava para o lado para saber como votar e trocou de repente o fato completo por calças e blusão de ganga...

A aprendizagem da democracia na Escola foi estimulante, estimulante de facto, mas teve os seus excessos. Houve um período em que os docentes só podiam ser contratados após votação favorável dos alunos em Assembleia do “Departamento”. O nosso Grupo, apesar das tentativas de “mensageiros” e “missionários”, não se ajustava aos moldes da “militância partidária”, não sei se em consequência de um espírito de abertura congénito, ou por assimilação dos valores associados a “Englishness”, ou pura e simplesmente por nele não haver univocidade ideológica ou “partidarites” agudas. Eu era daqueles que não queriam que os interesses diretos do “Departamento” fossem perturbados pela política, e era completamente insensível ao peso das diversas tendências. Talvez por isso fosse ganhando a confiança de muitos, mas não ainda a de todos os alunos. Por isso me foi difícil, uma vez, fazer aprovar uma contratação em Assembleia, aliás de alguém cujo brilhantismo multifacetado eu conhecia bem.

O que é certo é que, de um ponto de vista global, a experiência do 25 de abril, com momentos diferentes na sua evolução, é incontornável e importante na formação das Germânicas no Porto. Vivemos alguns excessos, mas sem conflitualidade paralisante; evidenciaram-se posições individuais divergentes, mas a voz pública do “Departamento” resultava de um debate interno democrático e motivador, em favor de uma inovação exigente. E ia-se construindo uma identidade própria. As discussões nos grupos de trabalho, as Assembleias, comissões e reuniões mil, tinham agarrado as pessoas ao lugar, umas às outras e, sobretudo, a uma causa comum.

Esse espírito, que alguns de fora, mais do que uma vez, haveriam de rotular “de família”, e mesmo a considerar único no país, nasceu na “Casa das Taipas”. Por um lado, a exclusividade do espaço físico – o edifício era só para nós - foi consolidando a causa. Por outro lado, o facto de, dentro dele, não haver zona de convívio específica, fez da escadaria interior uma espécie de tertúlia onde toda a gente se encontrava e conversava, alunos e alunos, alunos e professores, alunos, professores e funcionários (o Sr. João Garcez, o Sr. Silva, o Sr. Pires). Mas esse espírito, de que nos falamos de fora e que sentimos cá dentro, foi sendo criado, também ou sobretudo, pelo formidável trabalho que professores e alunos, em comissões paritárias, desenvolveram ao longo desses anos intensos em defesa de uma modernização do curso, adequando-o às necessidades novas e ao futuro que era possível prever. Abriam-se caminhos para a interdisciplinaridade; discutia-se a carga horária; dava-se maior peso à área da Linguística; flexibilizavam-se os elencos; tornavam-se possíveis mais ofertas, até de cadeiras de opção; procurava-se uma maior

variedade temática e cronológica; dava-se maior presença à literatura do século XX; procurava-se alargar a área dos estudos Norte-Americanos; discutiam-se os tipos e normas de avaliação; revia-se o tempo adequado a testes e frequências e as condições físicas da sua realização; aspetos sem fim que foram confirmando a seriedade com que se trabalhava nessas Comissões de Reestruturação. Passaram por lá o Dr. Morais, o Franco, o Udo, a Belinda, o Carlos, a Margarida Losa, o Gualter Cunha, o Vítor Cabral, o Jorge Ferreira, o Eduardo Ribeiro... Desse esforço incansável na Comissão de Reestruturação, que seria continuado pelo nosso Conselho Pedagógico-Científico, surge a primeira consequência oficial – a homologação de dois cursos autónomos a partir das duas áreas estruturantes da Filologia Germânica: os bacharelatos e licenciaturas em Anglistica e em Germanística, em abril de 1976, exatamente dois anos depois do 25 de abril.

Ao mesmo tempo que decorria aquele trabalho de reestruturação de métodos pedagógicos e planos de estudo, a nossa função principal - a da docência - continuava, e com inúmeras dificuldades práticas: para além do número excessivo de alunos, quase não havia livros. As livrarias do Porto ainda não estavam preparadas para a avalanche das Germânicas. A Livraria Universitária de Lisboa, onde eu tinha contactos, fez uma oferta, e o Instituto Britânico outra, mas eram de todo insuficientes. Em todo o caso, lá estava o Dr. Morais para arrumar os volumes no Instituto de Estudos Ingleses que nas Taipas ia nascendo. Outro nascimento de grande importância foi o do Laboratório de Línguas, que devemos à persistência e trabalho do António Franco.

Mas os docentes faziam de tudo, e não só o que estivesse relacionado com a sua função. Um colega queixava-se de ter a seu cargo a administração do papel higiénico... A outro tinha sido atribuída a gestão das salas. Era sempre uma azáfama, não havia tempo nem lugar para uma cachimbada, se bem que o Carlos fizesse tentativas, de que eu já desistira. Em todo o caso, e apesar do "levantamento" provocado pelo 25 de abril, os nossos objetivos de exigência não foram postos em causa. Não houve passagens administrativas, e a atribuição das notas, se bem que a escala de 0 a 20 tivesse sido adaptada a quatro escalões, fez-se de forma eficaz e com a justiça adequada à situação. As frequências continuaram a fazer-se, com as salas cheias de alunos e a necessidade de apoio de vários docentes.

O excessivo número de alunos foi um problema endémico dos anos de formação das Germânicas. Em 73/74, os meus ultrapassaram largamente os 600 no conjunto das duas cadeiras. Dois anos depois, um colega de outra Universidade que me viu com a caderneta das sete turmas de Introdução aos Estudos Literários, com treze centímetros de altura de boca, ironizou: "Onde é que você arranjou esse dicionário?"

Enfim, trabalho, trabalho e mais trabalho. E uma identidade a construir-se, no esforço, no diálogo, na perseverança. Também os tempos de convívio que se instituíram quase como regra e que amenizavam o cansaço das aulas, dos testes e das quantas comissões, grupos de trabalho, Assembleias e outras reuniões, contribuíram para a formação do espírito "de família". Festa de Natal, peças de teatro, refeições em casa de uns e de outros, ou os jantares de confraternização com os alunos, na Bolsa de Carlos

Alberto, na Churrascaria Rio de Janeiro, no Pingão lá no Cabo do Mundo... A boa disposição era contagiante, o espírito “de família” adensava-se.

Olhando para trás, para esses tempos difíceis mas empolgantes em que tudo começou, com essa saudade que a vertigem da vida mal deixa aquecer, tenho que afirmar que a génese das Germânicas na casa das Taipas foi uma experiência importante e solidária, que fez crescer, como pessoas e como docentes, a nossa percepção de nós próprios, dos outros e das coisas do mundo, e que muitos dos que a viveram, como professores, alunos ou funcionários, ficaram, entre si, unidos para sempre.